

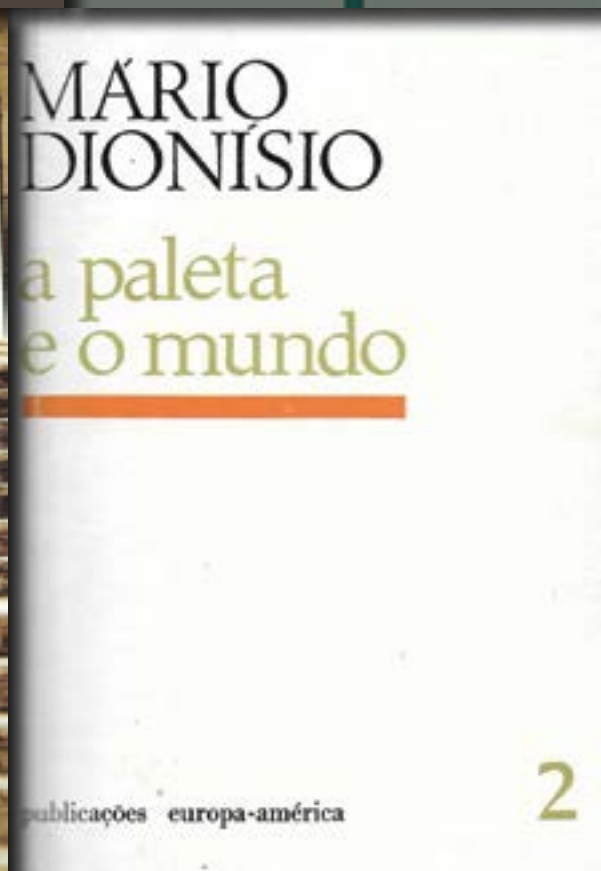
De cada um segundo a sua capacidade,
a cada um segundo as suas necessidades

estaleiro

ano XIII – n.º 25

março de 2023

boletim semestral



No âmbito da criação e fruição literárias

Escritores, Tradutores, Prémios, Bolsas de Criação



Revista do Sector Intelectual da ORL do PCP,
Director Manuel Gusmão
Caderno Vermelho



Revista da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto,
Director Francisco Duarte Mangas
Gazeta Literária



Revista da Associação Portuguesa de Escritores,
Directores José Manuel Mendes
O escritor



António Avelãs Nunes
*O mundo velho está a morrer
O novo ainda não nasceu
Este é o tempo dos monstros*
— apontamentos para tentar compreender a guerra na Ucrânia
— Página a Página



Álvaro Cunhal
Radicalismo Pequeno-burguês de fachada socialista
— Edições «Avante!»



Soeiro Pereira Gomes
Obras
— Edições «Avante!»

ÍNDICE

- 3 **Editorial**
- 4 **Conferência**
Uma visão universal e progressista da História
— a actualidade da obra de José Saramago
- 5 **Frente à estátua de Maiakóvski**
— Fernando Miguel Bernardes
- 6 **Sobre a IX Assembleia da Organização do Sector Intelectual da ORL**
- 7 **50 anos do 3.º Congresso da Oposição Democrática de Aveiro**
Domingos Lobo
- 8 **No âmbito da criação e fruição literárias**
S. de S.
- 9 **A (in)visibilidade do tradutor**
- 10 **Traduzir em 2023: a situação dos tradutores e a tradução como direito essencial**
- 13 **a estranha vida das palavras**
Casa da Malta de Fernando Namora
Domingos Lobo
- 14 **impressões de leitura**
B. Alves
- 16 **1900 Uma Fotografia**
Poema de Pedro Estorninho ilustrado por Inês Leite

estatuto editorial

1. **esteiro** é o braço de rio que penetra e fecunda a margem.
2. **esteiro** é o órgão do sub-sector da Cultura Literária do Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa do Partido Comunista Português.
3. **esteiro**, na austeridade dos seus meios, luta pela dignificação da posição social dos escritores, parte integrante a luta geral dos trabalhadores intelectuais e braçais, por um futuro justo, belo e fraterno.
4. **esteiro** acolherá a colaboração de qualidade de todos os escritores, seja qual for a sua orientação estética, desde que não enferme de qualquer ideologia anti-humanista.
5. **esteiro** inserirá publicidade gratuita, logo livre.
6. **esteiro** agradece toda e qualquer reprodução dos seus textos.

ficha técnica

director **Sérgio de Sousa**
paginação **ARDEF/SI/ORL/PCP**
redacção
Avenida da Liberdade, 170
1250-146 Lisboa
correio electrónico
s.intelectual@dorl.pcp.pt
site **dorl.pcp.pt**
tiragem **1.000 exemplares**
para distribuição gratuita

A **Conferência Nacional do PCP**, realizada em Novembro de 2022, sob o lema «Tomar a iniciativa, reforçar o Partido, responder às novas exigências», traduziu-se numa iniciativa da máxima importância para a actividade deste Partido e para o reforço da sua capacidade de intervenção na defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo português.

Na Conferência estiveram presentes as crescentes dificuldades de quem trabalha e constrói o futuro. Por contraponto, nela se valorizou o papel da luta de massas enquanto agente fundamental do desenvolvimento. Sobretudo, nesta Conferência ficou comprovado que existe uma política alternativa, patriótica e de esquerda, que trará futuro para Portugal e força e confiança para a levar por diante.

Da Conferência saíram orientações e linhas de trabalho que constam da Resolução Política aprovada na **IX Assembleia da Organização do Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa do PCP**. Orientações que convergem da tomada de iniciativa com vista a reforçar a ligação do Partido às massas, na importância do trabalho político e unitário e na organização dos trabalhadores intelectuais do nosso distrito.

Neste sentido, o *Esteiro*, enquanto boletim partidário, tem uma importância redobrada e os nossos esforços vão no sentido de apurar os seus conteúdos no esclarecimento das posições do PCP na batalha ideológica que, diariamente, travamos e de procurar chegar a mais gente pois muitos são os seus destinatários que ainda não tomaram contacto com esta publicação. Juntar forças para a luta de todos os dias sem deixar de contar com os apontamentos literários que marcam esta publicação.

Dando corpo às resoluções destas iniciativas, reforçámos a intervenção do PCP na área do subsector da Cultura Literária, com a realização no passado dia 4 de Fevereiro de um encontro de tradutores que permitiu uma alargada troca de informação sobre a situação de quem desempenha esta profissão que permitiu um melhor conhecimento do Partido da sua situação, o que potencia intervenção. Em relação aos escritores, estamos a preparar também uma iniciativa em que convergirão as necessidades dos criadores de cultura com a necessária democratização do acesso à mesma. São momentos fundamentais para trazer estas camadas e profissões para a luta mais geral dos trabalhadores. É um esforço que se intensifica em todas as áreas de intervenção do Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa.

O país está confrontado com uma situação económica e social grave. De dia para dia os preços dos bens essenciais sobem, o acesso à habitação fica mais difícil, os serviços públicos, nomeadamente o Serviço Nacional de Saúde e a Escola Pública, degradam-se. Em simultâneo crescem os lucros e os dividendos dos grandes grupos económicos e dos seus accionistas. Os pretextos são vários: a guerra, as sanções, as velhas inevitabilidades. A política da maioria absoluta do PS não responde aos problemas e os efeitos são os habituais; quando as condições se degradam, aumenta o sofrimento dos mais fracos e transferem-se mais uns largos milhões para o capital.

Está à vista que, no essencial, PS, PSD, CH e IL não se distinguem naquilo que é estrutural do ponto de vista económico e social. Podem ter nuances ou ritmos diferentes para atingir os seus objectivos. Mas o que os distingue quanto à necessidade urgente de aumentar os salários? Ou em relação à privatização da TAP? Ou sobre o controle dos preços dos bens essenciais? Nada! Todos votaram de igual forma (contra) propostas do PCP na Assembleia da República que permitiriam desagravar as difíceis condições de vida do povo. Daí a importância de afirmar e esclarecer: o que o país não precisa é que se prossiga a política que nos trouxe até aqui. Será com o PCP e com aqueles que nos acompanham que se fará o espaço de convergência para construir um país melhor!



CONFERÊNCIA

Uma visão universal e progressista da História – a actualidade da obra de José Saramago

No sábado 22 de Outubro de 2022, durante a manhã e a tarde, decorreu em Lisboa, no Auditório do Liceu Camões, integrada nas Comemorações do Centenário de José Saramago promovidas pelo Partido Comunista Português, uma Conferência que consistiu numa reflexão sobre a universalidade, actualidade, profundidade, necessidade de mudança, patentes em toda a produção literária de José Saramago, e envolveu ainda intervenções de elevado nível cultural propiciadas por excelentes intérpretes de diversas artes cénicas.

Além do Secretário-geral do Partido estiveram também presentes e intervieram nos trabalhos os dirigentes Jorge Pires e Margarida Botelho. Apresentaram comunicações António Modesto Navarro, Alfredo Maia, João Luís Lisboa, Carina Infante do Carmo, Maria João Brilhante, Catarina Menor, Sandra Pereira, João Pimenta Lopes, Domingos Lobo, Ana Margarida de Carvalho, José António Gomes, Edgar Silva e Isabel Araújo Branco.

Os momentos de espectáculo foram interpretados pela cravista Mafalda Nejmeddine, tocando peças de Domenico Scarlatti, sobre este também, em voz-off, se expressou Edite Queiroz lendo um excerto de Saramago, igualmente se fizeram ouvir os músicos e actores Paulo Vaz de Carvalho, Pedro Mendes, Fernando Tavares Marques, Cátia Terrinca.

Grande qualidade em todas as intervenções.

Fernando Miguel Bernardes*

Frente à estátua de Maiakóvski

Frente a frente contigo,
Maiakóvski!
Finalmente –
desde Portugal,
mil novecentos e a minha juventude.

As flores a teus pés
são merecidas
e todos os dias há
quem as renove.

Enchi o peito
e pensei na tua vida .
Senti no ar
o teu sopro contra tudo
o que era velho.

Varrias de futuro
com a tua voz e teus poemas
infindáveis auditórios
de fábricas e fábricas.

Tua voz de trovão,
teu corpo enorme e confiante,
sacudiam a raiz de um povo
que acaso ainda dormisse.

Tu, operário das letras,
rasgando mais luz
aos operários de aço.

Frente a frente contigo,
o jovem de mim
pede-te agora contas:

Viveste apenas o tempo que quiseste
e não nos deste o direito
de protesto.

As flores a teus pés
são merecidas
e todos os dias há
quem as renove.

Tua vida porém não era tua,
Maiakóvski:
um poeta nada tem de seu,
desde origem pertence
à causa que elegemos.

Frente a frente contigo,
O jovem de mim
não esqueceu.

1978

*

Engenheiro Geógrafo e Matemático, também leccionou, combatente anti-fascista, foi várias vezes julgado e condenado em penas de prisão que cumpriu em diversas cadeias. Trabalhou na Lisnave durante doze anos. Foi escritor. Depois do 25 de Abril de 1974, dirigiu o Departamento de Acção Sociocultural no pelouro da Câmara Municipal de Almada. Integrou Direcções da Associação Portuguesa de Escritores. Ultimamente encontrava-se organizado no sub-Sector da Cultura Literária da ORL do PCP. Em 2005 o Estado Português distinguiu-o «por méritos excepcionais na defesa da liberdade e da democracia.»

n. Gândara dos Olivais, 1929, m. Lisboa, 2022.
O poema «Frente à estátua de Maiakóvski», inserto no livro
O fio das harpas, 2009.

IX Assembleia da Organização do Sector Intelectual da Organização Regional de Lisboa



A IX Assembleia da Organização do Sector Intelectual de Lisboa realizou-se no dia 21 de Janeiro de 2023. A Assembleia da Organização é o órgão supremo de cada Organização do Partido. Nela, culminando um amplo debate interno, foram prestadas contas da actividade do Sector e da sua Direcção, discutida e aprovada a Resolução Política que irá orientar a actividade do Sector nos próximos anos e foi eleita a nova Direcção do Sector Intelectual de Lisboa.

Sob o lema «Trabalhadores Intelectuais – Reforçar a Organização – Intensificar a Intervenção», a Assembleia e a Resolução Política nela aprovada¹ – afirmando o contexto particularmente difícil para os trabalhadores e os povos, marcado pela intensificação da ofensiva imperialista, pela promoção do anticomunismo e de forças políticas fascizantes e, em Portugal, por uma maioria absoluta do PS que cada vez mais prossegue uma política de direita que não responde às dificuldades resultantes da grave crise económica e social que atinge a maioria – confirma o caminho já identificado em anteriores assembleias, de progressiva proletarização das profissões consideradas intelectuais, e consequente prestação do trabalho que aproxima os trabalhadores intelectuais da situação em que vive a generalidade dos trabalhadores. Da progressiva proletarização emergem os problemas que os trabalhadores vivem no nosso país de baixos salários e precarização das relações laborais, esta particularmente alta nalgumas profissões intelectuais.

Também a realidade do sector da Cultura e as consequências do progressivo desinvestimento público, agravado pela situação criada pela Covid-19 e o seu impacto na realização de eventos culturais tiveram relevo na Assembleia.

Partindo de uma profunda análise da realidade concreta, em cada área de actividade e em cada profissão, aliada ao contexto que as linhas acima apenas muito resumidamente enunciam, a Assembleia decidiu tomar medidas com múltiplos impactos na actividade partidária: medidas de estímulo ao reforço da iniciativa política das organizações, medidas que visam adequar a estrutura do Sector Intelectual às novas realidades e potencialidades de trabalho e medidas de direcção com vista a melhorar a capacidade de intervir. O objectivo é reforçar a intervenção e criar melhores condições para a luta.

Desta Assembleia saiu, também, a criação de frentes de trabalho que se desenvolverão integradas com a acção dos subsectores: trata-se de uma decisão ousada que visa responder a aspectos da intervenção que são comuns a toda a organização. São elas: o trabalho político unitário, a luta pelo direito à Cultura, a luta das mulheres e a luta pela Paz. Sobre a luta pela Paz, salientamos a aprovação de um *Manifesto em defesa da Paz* que será dado a conhecer aos intelectuais do distrito de Lisboa.

Aos trabalhadores intelectuais e a todos que vivem da sua actividade intelectual dizemos: é possível viver melhor! É possível trabalhar e exercer o direito à criação cultural, que vive intimamente ligado com o direito à fruição cultural e cuja reivindicação sobe de nível com a nossa proposta da criação de um Serviço Público de Cultura, com as decorrentes obrigações e atribuições que o Estado necessariamente assumiria. O Partido Comunista Português cá estará para organizar estes trabalhadores e criar condições para que a sua luta seja vitoriosa!

¹ disponível em lisboa.pcp.pt

50 anos do 3.º Congresso da Oposição Democrática de Aveiro

Domingos Lobo



No *Livro de Amizade – Lembrando Mário Sacramento*, Jorge Sarabando escreveu no prefácio: «então as cadeias de Peniche, Caxias, Tarrafal, estavam cheias de presos políticos, delas nos chegavam ecos angustiados de torturas e sofrimentos; das guerras de África havia as notícias oficiosas de operações triunfantes, e as verdadeiras, as dos relatos dos combates e do inferno das minas e das emboscadas, e do sangue derramado não se dizia; a censura controlava toda a informação e a actividade cultural cirurgicamente, por vezes clinicamente, mas com grande eficácia; e cada iniciativa pública – um simples encontro de jovens, como então se realizavam entre mil cuidados, um acto comemorativo, como o 31 de Janeiro ou do 5 de Outubro – obrigava a requerimentos, explicações detalhadas às autoridades, com garantias de que a ordem, a sacrossanta ordem, não seria violada ou subvertida por qualquer palavra, até por uma simples canção.»

É neste ranço social vigiado, no cerco que as forças do poder marcelista (PIDE/DGS, PSP; GNR e a subterrânea bufaria espalhada pelo rectângulo), que se realizou, no Cine-Teatro Avenida, na cidade da Ria, entre 4 e 8 de Abril de 1973, o 3.º Congresso da Oposição Democrática de Aveiro. Foi possível reunir neste plenário, um vasto e diversificado número de opositores ao regime, de todas as tendências ideológicas, com destaque para o PCP, PS, MDP/CDE, liberais, católicos e monárquicos progressistas, até alguns militares que em 25 de Abril do ano seguinte estariam na frente de combate da Revolução que derrubou o regime. Uma plêiade de vozes que em coro pugnavam por um País Livre e Democrático.

As primeiras palavras que se ouviram na abertura do Congresso, proferidas pelo dr. Álvaro Seíça Neves, foram as que o prof. Ruy Luís Gomes, eleito por unanimidade presidente desta 3.ª sessão, que do exílio, em texto breve e telegráfico enviou ao Congresso: «*Profundamente sensibilizado convite presidir Congresso saúdo companheiros consciente da importância deste Congresso para objectivos centrais nossa luta liberdades demo-*

*Façam um mundo melhor, ouviram?
Não me obriguem a voltar cá!*
— Mário Sacramento



críticas povo português independência povos coloniais declaro aberta a sessão», a abrir um amplo debate em torno do tema central do Congresso: Situação e Perspectivas Políticas, nos Planos Nacional e Internacional.

O Congresso reuniu representantes de todos os distritos do País, à excepção das ilhas, tendo a Comissão executiva a seguinte composição: Álvaro Seíça Neves, António Neto Brandão, António Pinho Regala, Carlos Candal, Flávio Sado, João Sarabando, Joaquim da Silveira, Manuel Andrade e Mário Bastos Rodrigues. Curioso verificar que a maioria destes elementos eram profissionais liberais (advogados), sendo um publicista e dois jovens estudantes.

Como não podia deixar de ser, o regime impôs ao Congresso a sua própria natureza. Diversos entraves burocráticos à sua realização; elementos da PIDE/DGS espalhados pela sala, em atitude vigilante e hostil, culminando a repressão num acto vergonhoso de violência policial sobre os congressistas que dissidiram, numa atitude cívica elementar, de respeito pela memória de um dos nossos mais insígnies homens de cultura, activo e conseqüente antifascista e um dos promotores dos primeiros Congressos de Aveiro, Mário Sacramento, rumar ao cemitério onde os seus restos mortais repousam. A fúria das forças da repressão, obedecendo a ordens superiores, investiu sobre a multidão e os congressistas de forma violentíssima, tendo essa afronta resultado em dezenas de feridos. Ao mesmo tempo, o governador civil e as forças do fascismo impediam que milhares de populares entrassem na cidade para, no cemitério, prestarem também homenagem a Mário Sacramento.

Este triste episódio foi, pela sua dimensão e significado, a última exposição pública dos próceres do fascismo luso e da sua violência de classe: um ano e uns dias depois, a 25 de Abril de 1974, os capitães de Abril saíam dos quartéis e o Povo, ao som da Grândola Vila Morena, enchia o largo do Carmo e de todas as ruas, finalmente livres, do País.

No âmbito da criação

Escritores, Tradutores, Prémios, Bolsas de Criação

Núcleo dos tradutores do sub-sector da Cultura Literária

No âmbito da criação e fruição literárias deparamos com uma ampla panóplia de actividades exercidas por diferentes pessoas e organismos, com também diferentes estatutos, desde escritores e tradutores a leitores, passando por escolas e professores, entidades públicas e privadas, editoras e livrarias e seus trabalhadores, bibliotecas das redes pública e escolar, e respectivos funcionários, críticos literários, tudo e todos no enquadramento de uma política nacional¹ de promoção cultural definidora de objectivos e garante da sua sustentabilidade.

Procuramos aqui principiar a perspectivar aspectos de toda essa realidade.

Começamos por uma sucinta referência aos escritores, sempre considerando que nenhuma actualidade deve analisar-se sem uma perspectiva, ainda que apenas *a vol d'oiseau*, da sua precedente evolução.

Ao longo da História alguns trabalharam para reis, outros beneficiaram de mecenas, dificilmente poderiam evitar o pagnégico dos que os sustentavam, não muitos possuíam fortuna própria. Dante Alighieri pertencia a uma família importante de Florença; não foi o caso de Camões, que exerceu o múnus de soldado, e da Pátria que glorificou na sua obra só veio a receber uma parca tença, sempre paga em atraso.

País pequeno, até não há muito com elevada percentagem de iliteracia. Se transportou a Língua até à terra do outro lado do Atlântico, nunca logrou que as Literaturas de uma e outra costa reciprocamente se expandissem.

Na História da Literatura Portuguesa encontram-se escritores de excelência com apenas um título publicado. Cesário Verde n. 1856, m. 1876, *O Livro de Cesário Verde*, coligido pelo seu amigo Silva Pinto; Camilo Pessanha, n. 1867, m. 1925, *Clepsidra*; António Nobre, n. 1867, m. 1900, *Só*. Todos estes com formação académica superior e viajados pelo estrangeiro.

O que viveu mais tempo foi Camilo Pessanha, que exerceu funções públicas em Macau e vinha à capital do Império passar longas temporadas de férias, acumuladas dos anos em não viajava. Os dois outros faleceram novos, Cesário trabalhou numa loja do pai na Baixa de Lisboa, Nobre, passou horrores com a atrasada medicina da época para atacar a tuberculose².

¹ Constituição da República Portuguesa, «Art.º 73.º, 1. Todos têm direito à educação e à cultura. 3. O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração...»

² Numa palestra que proferiu a 22 de Novembro de 2022, em Lisboa, na Livraria Barata, a Prof.ª Emérita Paula Morão não deixou de referir com algum desenvolvimento os procedimentos terapêuticos ao tempo seguidos.

e fruição literárias

Estes três exemplos *apenas* comprovam que *um só livro pode relevar* em determinado contexto histórico e *revelar a importante valia do seu escritor*, a vida deste é que não se reduziu a escrevê-lo. Mesmo o melhor dos livros que alguém escreveu não esgota a pessoa que ele é (no melhor, ou no pior).

Com a queda do Antigo Regime e o advento do Liberalismo, os vínculos entre as pessoas assumiram uma maior monetarização. Também os que escreviam e escrevem foram abrangidos por essa evolução.

«O escritor tem, naturalmente, de ganhar a vida para existir e escrever, mas não deve existir e escrever para ganhar a vida...

O escritor nunca encara as suas obras como um meio. São fins em si; são tão pouco um meio para ele e os outros que, em caso de necessidade, sacrifica a sua existência à deles». Karl Marx, *Debates sobre a liberdade de imprensa*³.

Regresso a esta citação de Marx, que usei como epígrafe do Capítulo I intitulado Ofício de Escritor de um pequeno livro publicado em 2020⁴, porque ela foca a problemática essencial da *sustentabilidade do labor do escritor*.

Escritor, esse mesmo a quem José Gomes Ferreira poeticamente chamou «operário das palavras». Que ele sem dúvida o foi, porém não podendo prescindir de assegurar o ganha-pão quotidiano para si e a família legendando em português filmes estrangeiros. O seu nome reconhecido como de Poeta – entre os mais marcantes na sua época – todos os dias chamados *úteis* cumpria um horário como tradutor sob pseudónimos vários.

Entre os nossos mais consagrados escritores pouquíssimos conseguiam, e quase todos esses só tardiamente, viver apenas dos livros que escreviam. Tem a ver com a dimensão do país, o analfabetismo e a falta de hábitos de leitura. Só nas *Américas* se conseguirá viver de êxitos de livraria, não necessariamente coincidentes com boa qualidade⁵.

Camilo Castelo Branco foi um escritor ainda em sua vida muito lido, mas não viveu com desafogo, a sua própria biblioteca chegou a ser-lhe penhorada, e também em França Balzac escrevia a monumental *Comédie Humaine* com os ofícios de diligências a irromperem-lhe casa adentro para efectuarem penhoras.

Nos E.U.A., não só lá, mas relevava ali a predominância de uma língua na maior dimensão do país, no século XIX existiam bastantes revistas literárias que publicavam e pagavam a colaboração que escritores lhes enviavam. E diversas instituições atribuíam prémios literários⁶.

O jornalismo foi, e continua a ser, uma *profissão* de muitos escritores em todo o mundo.

Outras profissões têm assegurado a subsistência de homens e mulheres que, em regime pós-laboral firmaram carreiras literárias como ficcionistas, poetas, ensaístas. Citando apenas uns poucos, Eça de Queiroz além do jornalismo desempenhou funções relevantes como diplomata⁷, Raul Brandão prosseguiu a contra gosto uma vida militar de que se reformou no posto de capitão; Aquilino Ribeiro desempenhou o cargo de bibliotecário, como também Natália Nunes; Fernando Namora, Miguel Torga, Graça Pina de Moraes exerceram a medicina; mais foram professores em diferentes graus do ensino, Vergílio Ferreira, David Mourão-Ferreira, Lídia Jorge, Rómulo de Carvalho; alguns, como Mário de Carvalho, desempenharam a advocacia; também bastantes trabalharam como publicitários, Alexandre Cabral⁸, Augusto da Costa Dias⁹, Alexandre O'Neill, José Carlos Ary dos Santos.

Diversas entidades nacionais atribuem prémios literários; existem prémios muito prestigiados, outros não tanto, uns de valores substanciais, a maioria nem por isso. A todos acorrem concorrentes. Naturalmente, as estrelas *mediáticas* apenas se interessam pelos sonantes; aos restantes recorrem pessoas

6 Em 1880 Mark Twain candidatou-se a um prémio do *Historical and Antiquarian Club de Hartford*, no valor de trinta dólares – na época não era quantia despidianda – (não ganhou) com o depois muito divulgado ensaio *Decadência da Arte de Mentir*, em que defendia: «mentir é uma necessidade das nossas circunstâncias – é evidente, pois, a dedução de que se trata de uma Virtude.»

7 Tive o ensejo ler documentos que escreveu na qualidade de Cônsul português em Cuba e assevero – quem sou eu, mas poderia justificar – tratar-se de relatórios consistentes.

8 Trabalhando durante o dia numa empresa de publicidade, foi até altas horas da noite que escreveu a sua substancial investigação sobre a Obra de Camilo Castelo Branco.

9 Nomeadamente coligiu para a edição da Portugalá *Discursos sobre a Liberdade de Imprensa 1821*, para a mesma editora escreveu *A Crise da Consciência Pequeno-Burguesa*, e ainda abria a porta de sua casa para outras actividades de promoção de criação e fruição literária, recebendo jovens que iniciavam a publicação de escritos – foi o meu caso aos 16 anos – no suplemento hebdomadário do jornal República, «Juvenil». Também o Diário de Lisboa publicava semanalmente um suplemento «Juvenil». Esse coordenado por Mário Castrim.

3 *Debatten über Pressfreiheit*, MECA, Primeira Parte, Vol.1, pp. 222/3

4 *Apontamentos acerca do fenómeno literário*, Página a Página, 2020.

5 Esta divergência entre números de vendas e apuros de qualidade encontrar-se-á em mais longitudes; para dar um só exemplo, próximo, Blasco Ibañes vendia mais, bem melhor escrevia Walle-Inclán.

mais discretas, professores aposentados, membro do clero, na verdade e numa palavra, necessitados. Irei aqui ilustrar apenas com dois casos vicissitudes comuns neste assunto de prémios, e para não ferir susceptibilidades reportados a intervenientes já falecidos.

Em 1963 o Grande Prémio de Ensaio da Sociedade Portuguesa de Escritores foi atribuído a *A Paleta e o Mundo* de Mário Dionísio¹⁰. No diário identificado na nota 10, numa entrada na p. 157, datada de 30 de Junho do mesmo ano, o autor referindo-se àquele prémio escrevia: «*que a Sociedade Portuguesa de Escritores criou para recompensar os amigos.*», sob o título, *ibidem* «*Não engulam o prémio!*» Esclarecendo de seguida que «*o prémio também poderia recair em Augusto da Costa Dias, ou Joel Serrão*»¹¹, e de igual modo «*ficava tudo entre amigos.*» Leia-se nas *Notas* a este volume do diário, da autoria de Eduarda Dionísio, na p. 336, a nota 590. Nela se refere a sistemática preterição de Alves Redol.

O Grande Prémio de Novelística da Associação Portuguesa de Escritores, de 1982, foi ganho pela obra *A Balada da Praia dos Cães*, de José Cardoso Pires¹²; nesse ano, entre outros, encontrava-se também em concurso *Memorial do Convento*, de José Saramago. A mais de quatro décadas de distância é fácil dizer que *A Balada* não passa de uma estória policial «despoletada» por dissensões políticas, enquanto o *Memorial* consiste num romance absolutamente universal e transversal a muitos tempos. Os prémios revelam-se muito vulneráveis a critérios não propriamente literários.

Na Grécia Antiga os prémios dos concursos literários ficavam-se pelo discurso laudatório e a aposição de uma coroa de louros sobre a cabeça dos vencedores. A cidade que estes representavam, e com as suas obras prestigiavam, assumiria então o encargo de os sustentar. Afigura-se solução mais judiciosa.

Os prémios devem manter-se, curando de que sejam menos desvirtuados por critérios não literários. Entre nós, sub-Sector da Cultura Literária, várias obras de teatro, poesia, ficção de Domingos Lobo têm sido merecidamente galardoadas. Infatigável animador cultural, a divulgar por todo o país não apenas a sua criação, também tudo quanto de melhor se foi escrevendo e continua a ser escrito.

Consideramos, porém, que o modo mais adequado de fomentar especificamente a criação literária consiste em expandir as bolsas de criação, em número das a atribuir e aumentando os respectivos montantes.

Deve-se a iniciativa do PCP que as bolsas de criação literárias tenham sido restauradas após os anos do domínio da *troika*.

O que actualidade trouxe de novo para o exercício da actividade dos escritores, decorre da grande concentração capitalista nas chamadas *indústrias culturais*.

Sempre as editoras de livros gozaram da prerrogativa de aceitar, ou recusar, o original que o escritor lhes prepunha para publicação. As relações entre escritores e editores assumiam diversos cambiantes, mais dialogantes, ou fracturantes.

Hoje maior número de escritores receberam formação superior em áreas específicas de Literatura.

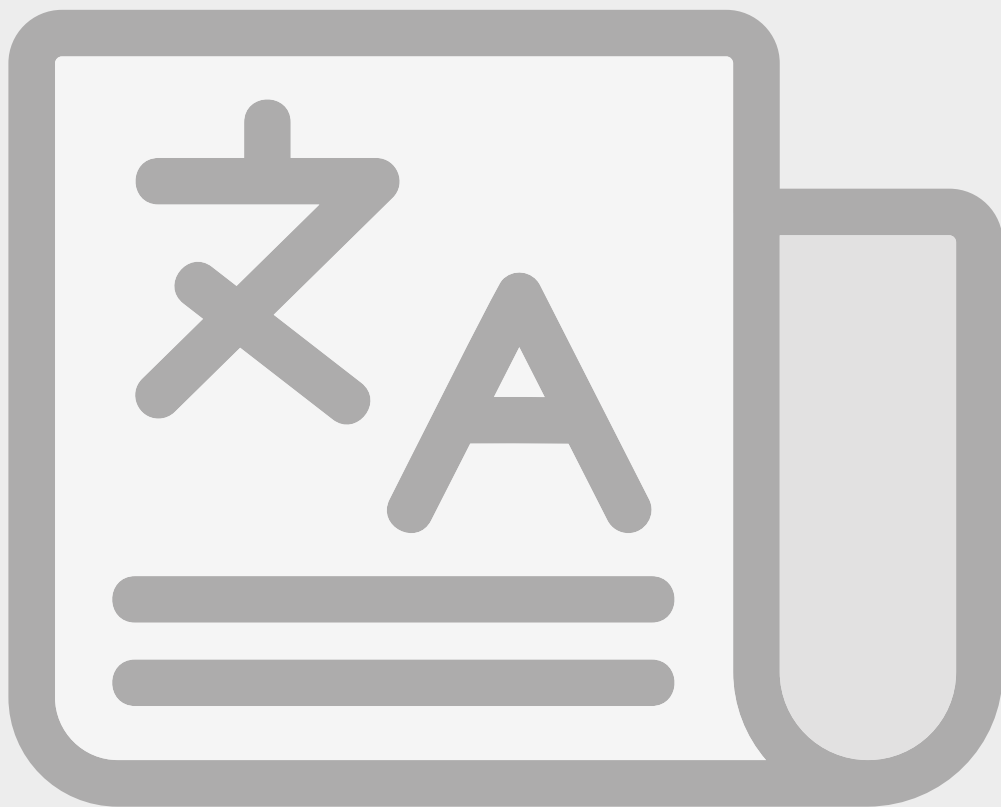
Porém as grandes editoras arrogam-se o direito de alterar textos originais conformando-os com padrões de maior êxito comercial. Este afeiçoamento ao mercado não pode deixar de ser sentido por alguns escritores como prostituição. Outros adaptam-se bem. O assunto requer análise mais aprofundada.

S. de S.

¹⁰ Cfr. *Passageiro Clandestino II*, p. 184, Casa da Achada – Centro Mário Dionísio, 2021. Neste diário o autor congratula-se por a atribuição ter sido por decisão unânime dos membros do júri. *Ibidem*: «*Aqui termina uma luta iniciada há doze ou catorze anos. Contra tudo e quase contra todos.*»

¹¹ Autor, nomeadamente na Portugália, de *Temas Oitocentistas-II Para a história de Portugal no século passado*, o volume I fora publicado pela Ática. Na Faculdade, fui colega de ano do filho de Joel Serrão, passei alguns dias, várias vezes, como convidado na sua casa de campo em Santana; o professor isolado no escritório a trabalhar, só aparecia para as refeições, sempre com um comportamento afável.

A (in)visibilidade do tradutor



Na era da globalização, a quantidade de informação que nos chega às mãos fruto da tradução é incalculável. Seja pela via do entretenimento, através da legendagem ou dobragem de filmes e séries, seja pelos livros traduzidos – técnicos, literários, corporativos – que, em Portugal, representam uma boa parte do investimento do mercado editorial, pelas notícias ou até por via dos menus dos restaurantes, onde podemos aprender que, em alemão, bacalhau é Stockfisch, uma coisa é evidente: a tradução está em todo o lado e faz parte do nosso dia-a-dia. E, para que o diálogo flua, para que as línguas convivam entre si, é indispensável o trabalho do tradutor. Em especial nas últimas décadas, com a intensificação das relações internacionais no nosso país, em conjunto com o incremento de sectores essenciais à atração de investimento estrangeiro e ao consequente desenvolvimento do país, como, por exemplo, no sector do turismo, nunca se viveram tempos em que se verificasse uma tão grande necessidade da tradução e fosse tão imprescindível a existência do tradutor.

É, aliás, o aumento do número de tradutores e a proliferação de empresas do sector que o confirmam. É a criação no ensino superior do curso de Tradução – quer na forma de licenciatura, como de pós-graduação, mestrado ou doutoramento – que o confirma.

E, no entanto, o justo reconhecimento do nosso trabalho, dos nossos contributos para a sociedade é quase nulo. Com efeito, o crescimento da necessidade do tradutor e da tradução não tem sido acompanhado pela valorização da profissão.

Sem esta valorização, não surpreende que o trabalho do tradutor seja efetuado em condições altamente precárias. O que

se verifica é que fazemos parte de um sector onde, além de prevalecer a precariedade generalizada, prevalecem, por exemplo, os salários baixos e volumes de trabalho enormes associados a prazos curtos, que não permitem, por um lado, a aceitação de outros trabalhos, e, por outro, ter uma remuneração mensal com a qual fazer face às necessidades de uma vida digna. É também um sector onde tradutores freelancers são subcontratados a preços muito baixos, inclusive na função pública, e também é um sector não organizado, sobretudo no que respeita aos preços praticados, totalmente díspares.

Esta desvalorização da profissão de tradutor – uma profissão que é, igualmente, essencial para cumprir o desígnio do acesso democrático à fruição cultural, através do direito a ler, escutar e viver com a nossa língua – precisa urgentemente de ser travada e combatida.

Mas os tradutores não baixam os braços. E, apesar de estarmos inseridos num sector disperso, onde convivemos tradutores literários, tradutores técnicos, empresariais, tradutores que fazem legendagem e tradutores intérpretes, unem-nos muitas vontades. A vontade de construir pontes, de juntar, de reivindicar, de mobilizar, de sonhar. De criar momentos de união entre todos nós, com realidades de trabalho e de áreas de atuação diversas, momentos que estimulem a consciência da realidade – e a luta. Trocando ideias e inquietações, os tradutores organizam-se e, juntos, pugnaremos por melhores condições e pela valorização da profissão.

Traduzir em 2023: a situação dos tradutores e a tradução como direito essencial

A situação da tradução e dos tradutores em Portugal foi o tema de um encontro realizado no passado dia 4 de Fevereiro por iniciativa do núcleo de tradutores do subsector da Cultura Literária. Com cerca de uma dúzia de participantes, o encontro deu lugar a uma troca de opiniões viva e interessada, em que cada um teve oportunidade de apresentar experiências e expor problemas. É de sublinhar e saudar a presença de vários tradutores que, não sendo membros do Partido, aceitaram o convite para partilhar as suas vivências e abordagens.

E o primeiro traço a sublinhar é decerto a riqueza das informações transmitidas, que permitiu aflorar a grande complexidade da situação dos tradutores em Portugal.

Na «volta à mesa», as intervenções puseram em evidência a grande diversidade desta profissão: relativamente ao tipo de tradução, ao vínculo laboral, à remuneração.

Há tradutores que se dedicam à tradução literária, outros fazem revisão de traduções, tradução técnica, legendagem. A diversidade é também a nota dominante quanto aos vínculos laborais. Uma minoria de tradutores tem um vínculo laboral «normal», exercendo a profissão como trabalhador de uma empresa; mas a maioria trabalha a «recibos verdes». E se umas vezes se trata de um verdadeiro «profissional liberal», que trabalha sucessivamente para diferentes entidades, também existem aqui, como é frequente em muitas outras profissões, falsos «recibos verdes» de trabalhadores que exercem uma actividade permanente, sujeita à disciplina e horários de um emprego regular. E existem também os estágios profissionais não pagos, «para ganhar experiência».

Traço comum a todos os tradutores é a baixa remuneração do trabalho. Quer se trate de tradução técnica (paga à palavra), quer de tradução literária (paga à página), é generalizada a degradação das remunerações. Se nunca foram altas, desde há anos que têm até vindo a descer, não só tendo em conta a inflação mas até em termos absolutos. Para poderem sobreviver, para já nem falar de viver dignamente, os tradutores são sujeitos a longas horas e à acumulação de trabalhos.

Os tradutores vivem numa tensão permanente, devido à pressão dos prazos, curtos, para entrega dos trabalhos, e devido à ansiedade de não saberem se, ou quando, vão ter outro trabalho, de modo a poderem subsistir.

Num momento de alta galopante do custo de vida, com a consequente dificuldade de fazer face às despesas indispensáveis, as entidades patronais têm interesse em manter um clima de «salve-se quem puder», forçando a aceitação de preços esmagados. O que é também facilitado pelo facto de se tratar de uma profissão atomizada: são raros em tradutores que trabalham no seio de um grupo, sendo a regra trabalharem sozinhos, não se conhecerem uns aos outros. Faltam espaços de contacto e estruturas que verdadeiramente representem os interesses dos tradutores.

Está por fazer o levantamento do número de tradutores existentes em Portugal, nas várias áreas. Uma pergunta ao Governo do Grupo Parlamentar do PCP, em Junho de 2022¹, procurando saber quantos tradutores o Estado emprega, recebeu uma resposta vaga e imprecisa.

O levantamento da obrigatoriedade da tradução das patentes na língua de cada país suscitou igualmente a questão do direito a dispor na nossa própria língua de instrumentos que podem ser essenciais à segurança ou à própria vida, como é também o caso de manuais de instruções ou bulas de medicamentos. Num outro plano, que tem a ver com a dignidade nacional e o direito à língua, foi censurada a intenção da União Europeia de deixar de traduzir os seus documentos em todas as línguas nacionais.

Foram múltiplas as pistas deixadas para debates futuros, mas da troca de opiniões ressaltou a ideia forte de que os tradutores se têm de organizar e bater para dignificar o seu papel social — o que passa necessariamente por uma valorização das remunerações — e para que a tradução seja encarada como um direito essencial, o direito ao acesso à informação e à cultura universal na nossa própria língua. A cultura como vertente da democracia e o direito à fruição cultural, tal como o PCP defende, também passam por aí.

¹ <https://www.parlamento.pt/ActividadeParlamentar/Paginas/DetailhePerguntaRequerimento.aspx?BID=123073>

Casa da Malta de Fernando Namora

Domingos Lobo



Casa da Malta

Fernando Namora
Editorial Caminho, 2022
128 páginas.

No prefácio que acompanha esta nova edição de *Casa da Malta*, diz-nos o autor: *Porque escrevi há uns tempos umas reflexões sobre o neorealismo deduzidas da experiência pessoal e sem quaisquer pretensões especulativas, pensei em associá-las a esta novela, tida, convencionalmente, como a minha primeira obra mais ajustada ao despertar daquele movimento. Mas tais reflexões tinham já outro destino, e por isso, evitando repeti-las, embora esse propósito turve algumas vezes ora a clareza ora a estrutura do que vai seguir-se, escolherei outra via para evocar essa jornada de vinte anos, no começo da qual o presente livro foi delineado com a sensibilidade virgem de*

quem ainda não tivera o ensejo de se confundir tanto nos labirintos da vida como da literatura.

Álvaro Cunhal não deixa, no entanto, de criticar as «características discordantes e até opostas às características essenciais das classes sociais ou da área social em que o autor as insere.» (Cunhal, *A Arte, o Artista e a Sociedade*, p.130), referindo algumas personagens dos romances *O Trigo* e *o Joio* e *A Noite e a Madrugada*.

Fernando Namora, por nascimento e vivência, deveria possuir um profundo conhecimento das classes trabalhadoras, e transportar esses saberes, essa feraz experiência, para impregnar de verosimilhança as personagens que habitam os seus textos. A sua escrita, quase sempre eficaz, sensível, alicerçada numa poética do inconformismo e, em termos narrativos, modelar, transfigurava a realidade sórdida e abjecta dos anos de sombra do salazarismo, sintonizando uma aguda percepção do real, numa linguagem madura, exigente e contemporânea, que lhe permite falar nos seus romances e narrativas, como é o caso deste *Casa da Malta*.

É na compreensão, sem cedências nem paternalismos, do mundo dos outros, mormente daqueles que são expurgados da sua humanidade, que o universo temático de Namora se afirma, reflecte e constrói. Com incoerências, com contradições, mas plena de vida, de sinceridade e de excepcionais qualidades narrativas, que torna a sua escrita apelativa, sedutora e capaz de captar, ainda hoje, a atenção de um grande número de novos leitores. O país de que Namora fala nos seus livros, nomeadamente em *Casa da Malta*, não mudou assim tanto nas suas vertentes essenciais.

No prefácio que acompanha esta 19.^a edição de *Casa da Malta* (1.^a edição na *Caminho*), escreve o autor de *Retalhos da Vida de Um Médico: Esse casebre de malteseria era uma nódoa no povoado. Cercavam-no, por contraste, as moradas da gente grada: o visconde, perdido num casarão, os que tinham ido amealhar fortunas aos Brasis fabulosos e me davam às vezes o ar de negreiros reformados, os lavradores de largos teres que disputavam ao visconde o mando dos que obedeciam para sobreviver e ainda velhas famílias cuja última cepa seriam aquelas senhoras piedosas, magras, que nenhum forasteiro viera desencaminhar.*

É deste ferrete, desta dor viúva que perpassava esse tempo português, que a escrita de Namora descreve com agudo sentido do real, mesmo quando as mazelas do humano, os desvãos da vida, percorrem o seu discurso – as fístulas que emergem do pesadelo, e os homens comuns, com os seus medos e incoerências face ao estupor, que povoam esta narrativa, a vários títulos notável, reconduz a nossa ficção para os territórios da lisura, da análise conjuntiva de uma peculiar atmosfera, das *agrura* dum tempo agrihoado que, mais do que incidindo apenas nas persecutórias investidas sobre um heroico grupo de resistentes, se exercia tentacular, claustrofóbica, sobre o cidadão comum. É das veredas do medo e da ignomínia, também da esperança, dos pontos de fuga ao absurdo, que este texto, nos fala de modo irrefutável. Mais uma reedição das *Obras de Fernando Namora*, sob a direcção de José Manuel Mendes que, obviamente, saudamos.

Adeus Casablanca

João Céu e Silva

Guerra & Paz, 2022, 319 páginas.

P. 301: «– A PIDE é assunto arrumado nas cabeças dos portugueses e muitos deles preferem que tudo caia no esquecimento. Uns porque não querem recordar o passado, outros porque não desejam saber coisas sobre os seus familiares ou sobre eles próprios, e a maioria porque eram informadores a soldo da PIDE. A bem dizer, português sim, português não facilitava o trabalho da polícia política. Estou a exagerar, [...] Salazar agradecia!»

Hábil *thriller* protagonizado por agitadores políticos, diplomatas, polícias, alguns correspondendo a pessoas reais.

O enredo comporta coincidências improváveis, logo a mulher do embaixador de Portugal em Marrocos no início da década de 60 do séc. XX havia de se deixar abordar, num café, pelo activista que desviaria da sua rota um avião da TAP, e acabaria por se apaixonar por ele, e a argumentista de Hollywood a quem incumbiria inventar uma continuação para o célebre filme de Michael Curtiz, de 1942, *Casablanca*, ingressar na diegese como filha do embaixador também em Marrocos dos E.U.A.. Mas João Céu e Silva vai conseguindo apresentar sempre explicações para as coincidências que as vão tornando toleráveis; também sabemos que se trata quase tudo de ficção. E muito perto do desfecho, demora-o aumentando o *suspense*, e surpreende.

O enredo joga com menções doutros livros, como romances do escritor norte-americano Paul Bowles, que viveu anos em Marrocos, as memórias de Christine Garnier, *Vacances avec Salazar*, aflora versos de simbolistas¹ franceses, denuncia a existência numa saga ficcionada, o *Decálogo de Casablanca*, de plágio de *Os Maias*, abstendo-se curialmente Céu e Silva de o mostrar, e chega a evocar a *Odisseia*, de Homero, por intermédio dos fictos autores do *Decálogo*, p. 237, a «*recordar o rapto de Helena e de como Menelau reuniu os exércitos para invadir Tróia e recuperar a mulher que tinha fugido com Páris. Laura não era Helena, mas o marido era como Menelau e iria desejar vingar-se do Poeta por lhe ter roubado a mulher.*»

O enredo assenta no triângulo clássico, o marido, Vaz, mais entrado em anos, prepotente refinado, dissimulado; a mulher, Laura, jovem, bela, culta; o amante, que surge sem nome próprio, o Poeta de quem não se conhecerá um só verso, apagado professor de Literatura. P. 239: «*Vaz não descansou enquanto não se vingou e o Poeta era o único [...] que pretendia caçar. A primeira “arma” em que pegou foi na brigada da PIDE, obrigando-os a esquadriñar Tânger.*»

O enredo outrossim coloca em cena pessoas reais e reporta-se a alguns acontecimentos similares doutros na realidade perpetrados. Conforme consta das pp. 318/9, «*Notas finais ¶ O desvio do avião da companhia TAP não faz parte do mundo da ficção. [...] Esta operação foi idealizada pelo capitão Henrique Galvão e executada por Palma Inácio*» e outros.

1 Assim referenciados Baudelaire, Verlaine, Rimbaud; também o podiam ser por decadentistas.

Hoje, para além do entretenimento que este romance proporciona, parece-me interessante observar, no seu relacionamento com o passado de facto, o que desse revela e omite.

Do Poeta conta-se que acompanhara através da imprensa as notícias relativas ao assalto perpetrado sob o comando de Henrique Galvão ao paquete Santa Maria, p. 56: «*contudo, só ao ser confrontado com uma reportagem na revista Paris Match, escrita por um enviado especial², é que percebeu o seu destino e o que devia fazer.*»

Laura reflectia, p. 87: «*... acontecera na vez anterior, em que lia o livro da Christine Garnier sobre Salazar, e agora, enquanto via as fotografias tiradas na Menara com o marido.*»

Não vou aqui revelar a relevância que na diegese assume a relação entre as fotografias incorporadas no livro da autora francesa e as ficcionadas como captadas na Menara, isso fica para o leitor de *Adeus Casablanca* descobrir, mas tão-só informar a autoria das fotografias do livro francês, António Rosa Casaco, o pide que colocou no terreno a brigada destinada a assassinar Humberto Delgado.

Provavelmente o mesmo indivíduo que se encontra ficcionado num encontro no Estoril com Diana, a argumentista de Hollywood, e o antigo embaixador de Portugal em Marrocos, Vaz, pp. 300 e segs. Diz aquele pide, p. 304, «*Estava tudo contra mim! [...] Até lhes digo mais, quando tratámos do Delgado e da secretária não nos esquecemos de como os americanos tinham desfeito os corpos...*» A personagem está a relatar na primeira pessoa do singular, o natural é que ao referir-se ao procedimento em relação a Delgado na primeira pessoa do plural se refira à brigada incumbida da missão, não à PIDE em geral, e na realidade ocorreu a desfiguração de Delgado³.

Henrique Galvão, oficial de carreira, deu importante contributo para a Exposição do Mundo Português, em 1940, que constituiu um enorme evento da cariz do regime então vigente, nacionalista, imperialista, totalitário, porém mais tarde entraria em rota de colisão com Salazar. Palma Inácio tornar-se-ia mais conhecido após ter assaltado em Março de 1967 a Dependência do Banco de Portugal na Figueira da Foz. Ambos praticaram actos de agitação e propaganda contra Salazar, mas nenhum definiu uma estratégia de tomada do poder político, afinal o que define os revolucionários. A Revolução veio a eclodir como outros a teorizaram e efectivaram, despoletada por uma facção das Forças Armadas, de imediato acompanhadas pelas massas populares mais descontentes, conscientes e capazes de se organizarem.

António Almeida Santos viria a referir que Mário Soares pretendeu atribuir a Palma Inácio a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade, mas deparou-se com a oposição do Conselho das Ordens. Sendo Jorge Sampaio quem acabou por lha atribuir.

2 Tratar-se-ia de Dominique Lapierre, recentemente falecido (4 de Dezembro de 2022), com 91 anos, que foi também coautor do livro *Paris já está a arder?*, e do filme homónimo. Dominique Lapierre entrevistou Henrique Galvão no Recife, logo após o Santa Maria ter ali aportado.

3 Salazar, desconsiderando os Catedráticos de Direito coimbrões que arrematava para Ministros da Justiça, despachava em S. Bento directamente com o Director da PIDE. Esta nada de relevante fazia sem o *agrément* do ditador.



Minha Vida?

Leandro Ceia

edição do autor, 2022, 198 páginas.

P. 13. «Nasci de um desejo irreprimido, de uma necessidade fisiológica, mascarada de decisão humana. Como qualquer animal. Sujeita aos desígnios inelutáveis da natureza, aos imperativos da Vida.

Isso – o meu existir – foi por mim? Não, fui só a satisfação do desejo, do capricho?, de minha mãe. O meu pai foi tão-só o instrumento da sua vontade. Como posso dizer que é minha a minha vida?»

Uma autobiografia? Não, e sim. Formalmente, logo na capa, «Comecei a fazer-me presente no momento em que [...] Os olhos de minha mãe a ser deu-se o acaso de cruzarem os do [...]». Na primeira pessoa o autor narra o momento da sua própria concepção. Depois, a vida, as vidas que se contam não correspondem à do autor, p. 22 «Aqui estou eu, como em muitas outras igrejas, pregado na cruz». O autor relata como sua a vida de Cristo, e não é Cristo – que na realidade nem nunca existiu –, e mais vidas virá a declinar, algumas na primeira pessoa, que tão-pouco são a sua. Em todas, porém, haverá algo e muito de si.

O autor admira escritores e livros¹, e não pela primeira vez na sua diegese cita vários excertos, devidamente identificados, doutros escritores; reporta-se a diferentes épocas usando nalguns casos as ortografias então vigentes; e apresenta-nos personagens e suas vicissitudes em distintos locais e estratos sociais, nos campos cavadores de enxada, nas cidades operários,

¹ Na contracapa de *Minha vida?*, como já o fizera noutras publicações por si editadas, reproduz o frontispício de diversos livros todos relevantes. Num deles, *Guerrilheiros Russos*, o nome do respectivo autor não se mostra perceptível. Reconheci-o imediatamente por me lembrar do livro na estante do meu pai e ter chegado a lê-lo, depois alguém o levou de empréstimo... O seu autor Erskine Caldwell, Edições Dois Mundos, Rio de Janeiro. Leandro Ceia deslocou-se propositadamente ao Museu do Neo-realismo em Vila Franca de Xira para ver o exemplar ali conservado, que nenhum outro conseguiu encontrar em biblioteca alguma de Lisboa. Caldwell, mais conhecido por ter escrito entre bastante mais títulos *Estrada do Tabaco* e *Motim em Julho*, foi correspondente na Rússia no tempo da Segunda Guerra Mundial e, ao contrário doutros, nunca inflectiu as suas convicções.

serviçais, taxistas, empreiteiros bem-sucedidos, marinheiros, estivadores, mulheres e homens, novos e velhos².

P. 73. «Há dois meses, mais ou menos, morreu o Carmona, e o Salazar já lá pôs outro. Não me interessa por políticas.» Não, tão-pouco este é Leandro Ceia. Porém, seja quem for prossegue: «Há muita pobreza na cidade, na capital. Na terra também havia, mas não havia fome, só no tempo da guerra. Todos tinham um pouco de terra, o pior era os muitos filhos». Ah! Esta já poderia ser uma fala de Leandro Ceia. Mais adiante, p. 75 (num texto escrito em 2015) «O melhor é não ter confiança em ninguém. Mas amanhã... Tenho uma grande esperança. Vou à praça da Armada. Hei-de-me livrar dos carregos que me dão cabo do corpo, embora seja forte...» Também não se trata de Leandro Ceia, não andou na estiva, a carregar sacas de cem quilos. Mas viveu-a tão de perto, conheceu-a tão bem, sente-a como em si.

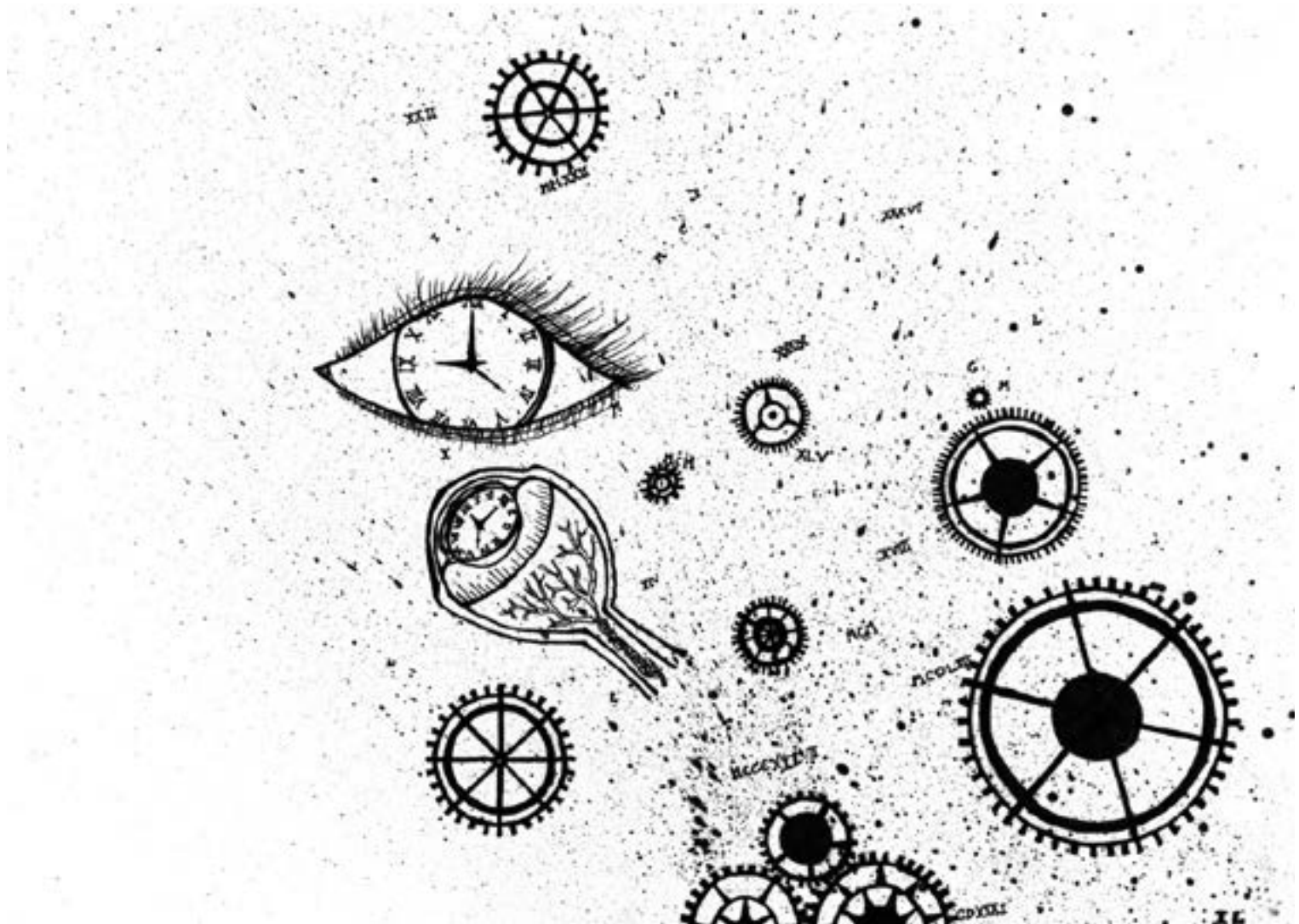
É isto é o que importa, o escritor a escrever do que sabe, e a transmiti-lo aos leitores, numa prosa clara bem elaborada, que nos atrai e leva a reflectirmos.

Chegados à página 84, apresenta-se a seguir como que uma nova capa de livro, que toma o lugar de uma página 1 doutra *Minha Vida?*, com novos protagonistas. P.4 «Nasci e ao nascer trouxe, como tantos, a desgraça a minha mãe.» O texto vai espriar-se por uma novela longa, um quase romance, ficcionadamente autobiográfico, mas que também o não é. Mas talvez que a fala proferida nos idos de setenta durante uma visita ao cruzador *Aurora*, relatada nas pp. 98/9, tenha pertencido a Leandro Ceia: «“Mas aqui não está o camarada Trotski, que era o comandante do Exército Vermelho, que venceu os reaccionários e salvou a Revolução, camaradas!”»

² Formulo assim porque entendo que o contraponto de novo é velho, e não o misericordioso eufemismo idoso; os velhos não carecem nem mendigam misericórdia, basta-lhes tratamento digno.

1900 Uma Fotografia

Poema de Pedro Estorninho ilustrado por Inês Leite



Vocês aí,
Em mil e novecentos
Olham-me...nos.
(no fundo somos todos de mil e novecentos...
Talvez mais antigos, somos do princípio)
...quando ainda não existia princípio.
No entanto agora, vocês aí agora
estão em mil e novecentos na High Street
Essa longa rua de Bromley.
Que ano será mil e novecentos?
O velho da barba branca que não olha,
a senhora na porta da loja de ferragens
(com o marido calculo)
um rapaz de bicicleta que certamente foi à guerra
(de quatorze)
o menino do passeio em frente
esse foi à grande segunda...
O homem do peixe
(penso não ter ido a nenhuma)
O cão perto do cavalo, com todos os fantasmas
que nunca aparecem nas fotos...
nem nas de High Street em Bromley.
Ao fundo interpela-me...nos

O Pub G.
(ali bebo uma cerveja a todos que são do princípio...
é tão difícil ser do princípio...não vestir ao Domingo
camisa preta)
Que pensará o fotógrafo de tudo isto?
Pensará alguma coisa sobre a mãe do rapaz
que foi à guerra de quatorze?
Que pensará o fantasma do rapaz
sobre a guerra?
No entanto (aqui) tudo diferente de mil e novecentos.
No entanto tudo igual a mil e novecentos!
Vejo-os vivos nessa fotografia...
tal como o cão e o cavalo
lado a lado com os mortos
que não aparecem nas fotografias...
Nem nas de High Street em Bromley.
Que vos digo?
Abraço-os deixando-os aí quietos,
aí vivos na imagem de 1900,
dando sentido ao milenar gesto
de abraçar,
com a palavra camarada na ponta da respiração.